

TV ESCOLA NO ENSINO DE ARTE: uma pesquisa

SANDRA REGINA RAMALHO E OLIVEIRA¹
 MARIA CRISTINA ROSA²
 LUDMILA PASSOS ANDRÉA E OLIVEIRA³
 ADRIANA LAZAROTTI⁴
 DÉBORA GASPAR⁵
 BIANCA SCLIAK⁶

¹ Professora do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina/ UDESC; Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, com Pós-Doutorado em Semiótica na Université des Sciences et Technologies de Lille, França. E-mail: ramalho@floripa.com.br

² Participante, Mestre, atualmente em Doutorado, na UFSC.

³ Participantes Bolsista de Iniciação Científica do CNPq.

⁴ Participante Bolsista de Iniciação Científica da UDESC.

⁵ Formanda em Licenciatura em Artes Plásticas, UDESC, Voluntária no Grupo de Pesquisa.

⁶ Aluna da Licenciatura em Artes Plásticas, UDESC, Voluntária no Grupo de Pesquisa.

Resumo

Este artigo consiste no relato de uma pesquisa desenvolvida entre 1999 e 2001. Seu objeto de estudo, inicialmente, foi uma amostra de vídeos do Projeto TV Escola, do Ministério da Educação e Cultura. Partindo da bibliografia sobre o ensino através da imagem móvel, esta investigação tinha como objetivo, na primeira etapa, analisar os vídeos disponíveis para o ensino de arte; na segunda etapa, havia a proposta de elaborar uma metodologia para o ensino da arte através de vídeos. Uma inserção na realidade mostrou que a pesquisa deveria ser redimensionada, para se conhecer mais profundamente a situação concreta das escolas quanto ao uso dos vídeos. A partir daí, a proposta de criação de uma metodologia caracterizou-se como demais pretensiosa. Foi criada uma unidade de ensino baseada em um vídeo da TV Escola, a qual foi posta em prática, e seus resultados foram analisados. Foram aplicados questionários, e feitas observações de aulas. A TV Escola oferece inúmeras possibilidades para o ensino da arte, mas persistem problemas, apontados nas conclusões, juntamente com algumas sugestões para encaminhar soluções.

Abstract

This article report a research developed between 1999 and 2001 to analyse 25 videos of a Brazilian Government Project called Tv Escolaz. The videos were selected from arts themes toch its appropriation in arts teaching. The results have shown that students tenefit from short videos.

Palavras-chave:

Vídeo na educação, tv escola, ensino de arte.

Key-words:

Video education, “school tv”, art education.

Introdução

Temos observado, ao longo dos anos, que a Escola tem sido um importante campo de observação e experimentação para pesquisas; no entanto, nem sempre os resultados dessas investigações têm retornado à Escola/Instituição e, menos ainda, àquela(s) escola(s) específica(s), a(s) qual(is) ofereceu(ram) dados para a construção de novos conhecimentos na área da Educação. Os resultados acabam ficando restritos ao meio acadêmico.

É com esta preocupação que escrevemos este artigo: visando divulgar o que encontramos em relação ao uso dos vídeos da TV Escola na realidade escolar de Santa Catarina, uma vez que o grande objetivo, o qual deve ser comum a todos os envolvidos –, alunos, professores, gestores de políticas educacionais, TV Escola e pesquisadores – é conhecer a realidade para nela atuar, visando às sempre necessárias transformações.

A pesquisa desenvolveu-se em duas etapas, na Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC, envolvendo professoras e alunas bolsistas de Iniciação à Pesquisa. Na primeira, o projeto recebeu o título *TV Escola: um estudo da utilização da imagem móvel no ensino da arte*, e realizou-se entre agosto de 1999 e julho de 2000; a segunda etapa, que teve acrescido ao título anterior a expressão *proposta metodológica*, como subtítulo, realizou-se entre agosto de 2000 e julho de 2001.

Além das questões específicas relacionadas ao objeto de estudo, aos objetivos da investigação, aos problemas encontrados e às sugestões apresentadas, acreditamos que este trabalho também traga alguma contribuição em termos de metodologia da pesquisa. Não naquele sentido de pressupostos teóricos do método científico, sisudos, perfeitamente fidedignos; tratam-se dos procedimentos da prática da pesquisa.

Isto porque houve a necessidade de alterar o projeto anteriormente traçado. E este relato mostra como se dá a mudança de rumos, dentro de um contexto de pesquisa. Por outro lado, mostra também os procedimentos necessários e as conseqüências, quando existem mudanças significativas dentro de uma equipe de pesquisadores, não obstante alguns sejam apenas *aprendizes de feiticeiro*, os bolsistas de iniciação científica. Mas essas dificuldades vivenciadas também fizeram parte do aprendizado.

Desenvolvimento da pesquisa

Na primeira etapa, partimos da seleção e leitura de bibliografia específica sobre assuntos como o uso do vídeo na educação, teorias acerca das novas mídias e estudos sobre tecnologia educacional. Este é o primeiro aspecto que queremos aqui dividir com outros interessados: uma bibliografia que possibilita ampliar conhecimentos sobre a imagem móvel, vindo a favorecer seu melhor aproveitamento em sala de aula. Além da própria Revista TV Escola, acessamos aos seguintes autores: Carneiro, Dizard, Feldman-Bianco & Moreira Leite, Ferrés, Herriot, Huysen, Menezes, Sancho, Sodré, Thomson, Toffler, Lemme e Cruz & M. da Cruz.

O passo seguinte foi conhecer uma amostra do material audiovisual. Não houve um critério pré-estabelecido para a seleção de vídeos, além do fato de serem ligados direta ou indiretamente à arte, bem como de perfazerem um número passível de serem assistido e de terem seus conteúdos resumidos dentro do prazo previsto para a pesquisa. Após a apreciação, foram feitas súmulas, tanto para o relatório de pesquisa, quanto para posterior divulgação, aos professores interessados. Isto porque, – e já se trata de um dado resultante da pesquisa pois, como foi comprovado junto aos professores –, eles nem sempre têm condições de se inteirarem dos conteúdos dos vídeos anteriormente, seja através da Revista TV Escola ou mesmo de uma assistência prévia, com o intuito de fazer a seleção e preparar aulas adequadas ao seu uso. Por outro lado, os títulos, muitas vezes traduzidos, nem sempre são suficientes para comunicar seu conteúdo. Foram assistidos vinte e cinco vídeos e feitas sínteses de seus conteúdos. Assim, passamos a descrever dez sinopses, a título de exemplo:

1. A loucura nas obras dos grandes pintores – 30 min.

Apresenta artistas de épocas diversas, os quais foram julgados loucos; questiona a linha tênue que separa a genialidade da loucura, o fascínio do medo. Salvador Dali, Van Gogh, Artimboldo são artistas que figuram no vídeo, além de obras como Dom Quixote de La Mancha, do espanhol Cervantes.

2. O beijo e seus vários significados na história do mundo – 30 min.

Aborda diversas representações do beijo, do amor e da sensualidade através do tempo e do espaço, em linguagens artísticas distintas como a música, a pintura, a arquitetura, a dança e o teatro, através da Ópera Carmen, das obras plásticas de Gustav Klimt, do Templo do Sol, na Índia, do tango e do personagem da dramaturgia francesa, Cyrano de Bergerac.

3. *Humor e Inteligência* – 30 min.

Foca a sátira, ou seja, a inter-relação entre humor e crítica social, em diversos produtos artísticos: o cinema de Chaplin, a dramaturgia de Molière, a ruptura plástica de Duchamp, chegando até as tiras contemporâneas da Turma do Charlie Brown e da Mafalda.

4. *Os monstros em cada um de nós* – 30 min.

Aborda o fenômeno da *catarse*, ou seja, a purgação dos medos através das fantasias e das representações artísticas, desde os monstros e das músicas satânicas da Idade Média, até o ritmo *heavy metal* da contemporaneidade, passando por Goya, Napoleão, o cinema de Fritz Lang, o Fantasma da Ópera e a obra de Francis Bacon: uma combinação de monstros, máscaras e medo.

5. *Todos nós precisamos de heróis* – 30 min.

Heróis são apresentados como paradigmas de sucesso e exemplo a ser seguido, enquanto faz alusão à necessidade do uso do poder em benefício do povo. Transita de Batman ao Davi, de Michelangelo; do Orfeu, do filme de Jean Cocteau, até Bob Marley; de Joana D'Arc ao Corcunda de Nôtre Dame.

6. *O artista rebelde denuncia injustiças* – 30 min.

Apresenta a questão da vanguarda artística, através daquilo que a caracteriza como tal: a transgressão das normas vigentes, ou a quebra de paradigmas estéticos, além da denúncia social. Isto gera um choque, entre o artista e sua época. Como exemplos, apresenta, no campo da música, o rap, o free jazz, a dança de rua, a cacofonia e as dissonâncias. Nas artes plásticas, ilustra com Caravaggio e com a contemporânea Sue Cold. Retorna à Antígona, de Sófocles, passa pela invasão de Praga pelos soviéticos, tudo isto para falar de liberdade, verdade, convenções, estereótipos, julgamentos e senso comum.

7. *Guerra* – 30 min.

Estabelece o elo entre a Guerra Civil Espanhola e a arte de Picasso; uma animação faz a releitura de Guernica. Através do cinema, apresenta diferentes formas de guerra, nas obras de Serguei Eisenstein, Dominique Blein e Stanley Kubrick, com o Dr. Fantástico.

8. *As viagens inspiram os artistas* – 30 min.

Aborda as influências que o contato e o conhecimento de dados culturais distintos dos seus exerce sobre personalidades criadoras. Mostra a experiência de Delacroix no Marrocos, das viagens de Julio Verne e conta a história da performance Os Amantes, além de viagens interiores através de mantras. Embora a noção de *inspiração* remonte ao período medieval, o título do vídeo deve ter adotado esta palavra por ser bem compreendida pelo senso comum.

9. *A natureza vista pelos artistas* – 30 min

Enfoca o desejo humano de compreender e dominar a natureza, através da história e da arte. Ilustra com obras e conceitos adotados por artistas como Bosch, passando pelos futuristas do século passado, chegando até o contemporâneo artista Christo, com suas interferências no meio ambiente.

10. *A família inspira o artista* – 30 min.

Valores familiares e dificuldades de relacionamento são assuntos deste vídeo. A família é vista como fator importante na estabilidade emocional do artista, a qual reflete na obra de arte. Para ilustrar, aborda aspectos sobre a vida de Al Davidson, Karl Larsson, Giacometti e Redon, entre outros. Novamente o conceito de *inspiração* é usado no título, embora seja um conceito hoje ultrapassado.

Os vídeos acima são da série *Clipart*, produzidos no Canadá. Cada um deles parte de um eixo temático, em torno do qual se apresentam produtos artísticos, separados pelo tempo, espaço e, muitas vezes, distintos em termos de sistema estético. Diversos artistas são desconhecidos no Brasil; daí, um aspecto negativo: a falta de referências anteriores. O professor teria que pesquisar em outras fontes os dados necessários para o planejamento das aulas e nem sempre encontraria bibliografia para tanto. Existe o recurso das buscas na Internet, mas trata-se de uma fonte nem sempre acessível aos professores. Por outro lado, há a compensação, pois é positivo trazer novos artistas ao conhecimento de alunos e professores. Um outro aspecto positivo é o caráter universal dos assuntos escolhidos como eixos temáticos. Eles propiciam uma discussão que pode fugir dos domínios específicos da arte, mas possibilitam reflexões sobre questões importantes para a formação dos alunos. Afinal, o papel da arte não é questionar os grandes temas da condição humana?

Os vídeos da série *Clipart* têm cerca de 30 minutos de projeção. Assim, sugere-se utilizá-los em turmas com maior capacidade de concentração, seja pela faixa etária mais *madura* – acreditamos que, no mínimo, em oitavas séries – ou por outros fenômenos que confirmam esta capacidade ao grupo.

Outra possibilidade de uso desta série é a de preparar as aulas segmentando o vídeo, ou seja, após uma cuidadosa escolha de pontos para interrupção, apresentar separadamente trechos do vídeo, trabalhando os conteúdos com os alunos entre cada segmento assistido em vídeo. Neste caso, além da criatividade para a proposta de exploração do tema, de modo que motive os alunos para a continuidade do trabalho, é importante ainda cronometrar essas atividades.

Através de uma visita informal nas escolas públicas de Florianópolis, na primeira etapa da pesquisa, verificou-se a dificuldade que essas instituições encontram para dispor de um funcionário específico para gravar a programação, bem como de alguém para organizar as fitas, cuidar da sua manutenção e dos equipamentos. As gravações ficam a cargo da Secretaria da Educação, e o processo acaba se

tornando lento. A escola não possui uma assistência técnica, nem quem proporcione instruções para o manejo dos equipamentos eletrônicos, o que dificulta o acesso do professor aos vídeos.

Então, tínhamos toda uma bibliografia mostrando as possibilidades do uso da imagem móvel, de um lado, e de outro, na prática, nos surpreendemos com dificuldades muito anteriores às questões metodológicas, que eram nosso interesse principal. Os principais problemas eram logísticos, administrativos e técnicos. Este achado foi um dos fatores determinantes da necessidade de revisão no projeto previsto para a segunda etapa.

Para essa nova fase, havia sido planejada a criação de uma metodologia para melhor utilização da imagem móvel no ensino de arte, ou o desenvolvimento de propostas metodológicas para o ensino de arte. Devido a ausência de métodos anteriores em prática, e tendo em vista muitas vezes até mesmo a ausência de aulas com vídeo, e considerando a complexidade da questão metodológica, bem como o tempo limitado destinado a pesquisa, decidiu-se pelo seu redimensionamento. Havia ainda mais um dado a ser observado: entre uma e outra etapa, aconteceram mudanças na equipe de trabalho. Decidiu-se, então, elaborar e aplicar uma proposta mais modesta – uma unidade de ensino – inserindo a utilização dos vídeos da TV Escola do Ministério da Educação e Cultura/MEC.

Neste redimensionamento foi reformulado o cronograma da pesquisa. Recomeçando-se pelo levantamento bibliográfico a respeito da utilização de imagens móveis, para atualizar o levantamento anterior; e foi feita nova leitura dos livros escolhidos pelos novos membros do grupo, para acertar os passos em termos de linguagens e princípios. Logo após, foram assistidos os vídeos selecionados na primeira etapa desse projeto, e lidas as respectivas sinopses, elaboradas na etapa anterior, pelos novos membros da equipe.

Com essa nova perspectiva, sentiu-se a necessidade de um levantamento de mais dados sobre as condições de uso da TV Escola nas escolas da nossa região. Isto porque o contato do grupo anterior com as escolas, na primeira etapa da pesquisa, havia sido quase informal. Surgiram dúvidas: o que dizem as teorias, é aplicável a nossa realidade? O que foi obtido na primeira etapa da pesquisa, pode ser aceito sem questionar? Foram então elaborados três questionários: o primeiro destinado aos diretores das escolas; o segundo aos professores, aos quais foram também sugeridas a participação na elaboração de uma proposta de melhor utilização dos vídeos do TV Escola; e um terceiro, que foi aplicado aos alunos.

A partir das respostas a esses questionários foi possível diagnosticar as condições disponíveis para a utilização da TV Escola nas escolas públicas de Florianópolis. Através dos dados obtidos, concluiu-se que a construção de uma unidade de ensino estaria mesmo mais de acordo com as possibilidades de realização da pesquisa. Para a organização da proposta de ensino, foram discutidas e apresentadas bibliografias pertinentes ao assunto. Selecionou-se um programa entre os vídeos gravados e, a partir dele, estruturou-se a construção da unidade de ensino, o que não deixa de ser uma proposta metodológica.

Foi criado um *roteiro-sugestão* para esta Unidade de Ensino. Contou-se com a colaboração dos professores do ensino público que se dispuseram a participar da proposta, abrindo espaços em suas aulas para a aplicação dessa unidade de ensino por eles mesmos, com o acompanhamento das pesquisadoras. Estes tiveram liberdade para adaptar o roteiro-sugestão às suas situações específicas. Não foi uma *receita*, mas uma sugestão de roteiro. As aulas foram preparadas tendo o vídeo como peça fundamental, como seria coerente com o trabalho. Partindo-se do conteúdo do vídeo denominado “O homem com cachimbo”, sobre a vida e a obra do artista Pablo Picasso; foram incluídos, nos conteúdos a serem ministrados, conhecimentos sobre o contexto da época em que ele viveu e sobre o movimento cubista, ao qual Picasso pertenceu; um glossário de termos mais complexos para o professor discutir com os alunos, inserindo tanto os termos técnicos da arte, como as palavras menos conhecidas; textos de apoio para o professor; proposta metodológica para a leitura de imagens; e propostas de trabalhos práticos de criação, trabalhando o bi e o tridimensional, o que é possibilitado pelo conceito de cubismo.

Ao término das aulas experimentais, ministradas em cinco turmas, das cinco escolas escolhidas, obtiveram-se novos dados, a partir de novas entrevistas com os professores e alunos.

Considerações Finais

Na redação do Relatório de Pesquisa, teve-se o cuidado de estabelecer relações entre os resultados obtidos e a revisão bibliográfica feita anteriormente, pois é este procedimento metodológico que justifica o estudo de obras anteriores sobre o assunto. Ou seja, as teorias não devem estar presentes em uma pesquisa só para justificá-la no sentido de dar a ela um *status* científico. É necessário cotejar o que estava posto anteriormente, na comunidade científica da área, com os novos dados encontrados na realidade; comparar e ver se as proposições anteriores encontram validade no novo contexto pesquisado; é isto que faz o caminho da ciência.

Considerando-se tudo o que foi encontrado, salienta-se a importância de adequar cada vez mais a TV Escola ao ensino e vice-versa, principalmente ao ensino de arte, já que o vídeo comporta todas as linguagens da arte, o visual, o musical, o cênico, “(...) mais do que a imagem fixa, viabiliza, através de cópias, a difusão de informações visuais e verbais. (...) uma fita de vídeo pode conter informações das mais variadas fontes, compiladas num único material.” (Pillar; Vieira, 1992, p. 11)

Com relação às aulas de arte, pôde-se observar que o vídeo esclarece o conteúdo, facilitando a compreensão e percepção do aluno; constatou-se que as turmas trabalhadas, por serem, na sua maioria, turmas dispersivas e agitadas, um vídeo de curta duração realmente é mais viável, confirmando o pressuposto do grupo de pesquisa, bem como o que é proposto por Ferrés. E isto ficou evidenciado, também, na entrevista feita com os alunos, que ressaltaram: “curto é massa”; “vídeo curto é melhor”. Portanto, constatou-se que os vídeos didáticos devem

ser curtos, pois um vídeo longo não “prende” o aluno. Ou, se for longo, o professor deverá planejar sua aula de modo que o vídeo seja apresentado em segmentos e cada segmento explorado separadamente, mas em seqüência.

Apesar de que em algumas turmas não se conseguiu manter os alunos completamente atentos todo o tempo de projeção, através do vídeo eles conseguiram compreender e perceber a idéia da (des) construção, da fragmentação, que é característica do cubismo, conforme o que foi observado em aula e de acordo com as respostas às entrevistas.

Considerando-se os aspectos positivos verificados nas entrevistas, destaca-se a aceitação dos alunos, de maneira geral, no que se refere às aulas com o vídeo. Os alunos entendem, que uma aula com vídeo é mais interessante e mais produtiva do que as aulas convencionais, o que pode ser percebido no seguinte depoimento: “creio que o estudo em vídeo é muito mais proveitoso, pois podemos observar a arte em sua totalidade. (...) Ela mexe com nossos sentidos, aguça nosso lado crítico, passando a conhecer melhor as obras de artes e aprender um pouco de cada momento do artista. (...), nos poupou de irmos até a biblioteca copiar textos que não nos dariam tanto prazer” (Olívia, aluna do ensino médio).

Os professores concordaram que as aulas com o vídeo modificaram a percepção e compreensão dos alunos, facilitando o entendimento do conteúdo, pois o vídeo ilustrou, muito bem, a idéia de (des) construção e geometrização da figura, na obra cubista. Isto se afirma a partir do depoimento de um dos professores: “facilitou a compreensão da composição do desenho, pois eles captaram a característica principal do cubismo, que é a desconstrução da figura, e sua geometrização. A visualização foi importante para a compreensão do assunto abordado” (Andréa, professora da 6ª série).

É impossível deixar de se registrar as questões de ordem prática, de origem administrativa, pois elas acabam interferindo significativamente no resultado pedagógico. Por exemplo, percebeu-se que, apesar de a Secretaria de Educação e Desporto distribuir em todas escolas públicas o *kit* com o aparelho de televisão, o vídeo cassete e a antena parabólica (dado coletado na própria Secretaria de Educação), há um desconhecimento generalizado sobre a programação da TV Escola. Mesmo os professores os quais afirmaram conhecê-la, não tinham muita noção do que era, como pode ser observado pelas suas respostas na primeira pesquisa de campo, através dos questionários.

Evidenciou-se também que os professores, na sua maioria, trabalham com a releitura das obras, isto é, de reproduções, não havendo diversificação de métodos de ensino, portanto. Percebeu-se a carência de materiais em quatro das escolas públicas nas quais foi aplicada a unidade de ensino, sendo que a maioria dos materiais fica por conta do aluno. Já em duas escolas havia uma organização com relação aos materiais, e duas possuem sala apropriada para artes. Constatou-se que os recursos são parcos nas escolas públicas, e demonstram contar com pouco apoio do governo. Isto induz o professor a uma certa inércia quando se

trata de inovar, de modificar seus métodos de ensino; acarreta igualmente a falta de disposição na hora de elaborar estratégias de aula, o que torna o período de aula maçante, cansativo, desestimulante e improdutivo.

A programação da TV Escola é nacional; assim, outro problema é a massificação do ensino pelo governo, que decide toda a programação do que assistimos, sendo a maior parte de origem estrangeira, apresentando uma realidade muito distante da nossa. Por que não são produzidos mais vídeos sobre artistas brasileiros, sobre nossa cultura, já que ela é tão rica? Sob outro aspecto, mais ainda ligado a esse, a linguagem verbal da narração não é adequada, muitas vezes, tendo em vista ser produto de tradução. Por outro lado, a qualidade das fitas gravadas não é boa, isso pode prejudicar a atenção e motivação do aluno. Como as escolas, na sua maioria, não dispõem de um encarregado específico para gravar as fitas, elas são gravadas pela Secretaria, ficam arquivadas, e logo perdem a qualidade. Talvez este seja um dos motivos pelo qual muitas escolas possuem o *kit*, mas não adotam programas da TV Escola. Em muitas escolas foram encontrados os aparelhos de TV sendo utilizados para outros fins.

Apesar dos problemas aqui levantados, também é importante ressaltar os benefícios da TV Escola. A possibilidade de trabalhar com imagens em movimento, de ter contato com outras culturas e de trabalhar principalmente a leitura de imagens audiovisuais, torna o vídeo um grande aliado do professor, sendo uma forma inovadora que pode transformar o sistema educativo, tornando as aulas mais prazerosas. Mas muito ainda há que se pesquisar e fazer, de modo a tornar a TV Escola um instrumento capaz de ser explorado em todas as suas potencialidades.

O TV Escola é um canal novo, tem apenas quatro anos. É claro que há grandes expectativas e se por lado é uma proposta interessante, também é muito abrangente; assim, é importante que, ao longo de sua trajetória, seja avaliada, criticada, pesquisada, re-elaborada. Mas é preciso que o Governo Federal continue investindo neste canal de TV, que merece maior atenção e deve ser explorado cada vez mais. Enfatiza-se a falta de programações nacionais, e mesmo de regionais, na área do ensino de arte.

Considera-se importante a inserção no ensino de arte do vídeo educativo e didático, já que esta linguagem é comum a todos, redireciona a mensagem visual, utilizando-a de forma produtiva, visando a compreensão de seus códigos, possibilitando uma visão mais crítica e reflexiva das imagens recebidas.

É fundamental o planejamento das aulas, organizando o uso do vídeo de forma que este não seja simplesmente um instrumento adicional dos conteúdos de aula, pois ele deve ser uma parte integrante da aula. O momento que antecede a projeção do vídeo, poderá também condicionar sua eficácia didática; cabe ao professor não adiantar verbalmente o conteúdo da fita, mas despertar a curiosidade do aluno para o tema do programa, criando um clima, uma expectativa, sendo para isto breve, pois o prolongamento da introdução poderá acarretar a dispersão da classe.

Devido ao fato de o professor ficar em segundo plano neste processo, ou seja “durante a projeção”, ele poderá aproveitar para tomar uma atitude de observador da classe, não como um *controlador* apenas, mas como mais um participante da aula interessado nas reações dos alunos. Assim, de uma forma sutil, ele irá prestar atenção aos interesses, dúvidas e atitudes espontâneas que ocorram por parte dos alunos. E, desta forma, logo após o término do vídeo, o papel do professor não deixa de ser imprescindível; ao contrário, é ele quem irá sanar as dúvidas e os questionamentos posteriores. A fixação do aprendizado poderá ser feita através de exercícios que incentivem e estimulem os alunos a uma participação dinâmica de grupo, assim facilitando a uma aprendizagem ativa, conforme pregado por Ferrés (1996).

Desta forma, é preciso que as aulas com o uso do vídeo sejam bem planejadas, e que os assuntos abordados pelo vídeo sejam dirigidos de forma a instigar o aluno. O conteúdo do vídeo não pode e não deve ser simplesmente *jogado* em sala de aula sem um pertinente direcionamento, ou usado como substituto das aulas. O professor é o interlocutor, comprova-se aqui a atuação significativa deste educador que é o mediador, tornando impossível o entendimento e a compreensão do conteúdo, sem prévio planejamento, sem a presença do professor, enfatizando para o fato de que a escola deva formar sujeitos ativos do conhecimento. Portanto, “a transmissão da imagem implica, pelo menos uma dupla fase cognoscitiva: o conhecimento do problema que se quer comunicar e a possibilidade de que essa comunicação, por sua vez, produza conhecimento...Acima da mensagem há exigência de pesquisar com metodologias adequadas à realidade na qual estamos inseridos” (Giacomantonio, 1981, p. 32).

Consideramos que Arte é o conteúdo menos óbvio, mas mais efetivo para apresentar temas transversais, para provocar reflexões interdisciplinares, ou para propor as questões mais instigantes que visem a preparação do cidadão para a vida em sociedade. Afinal, qual o sentido da presença da arte nas escolas?

E nós, através desta pesquisa, esperamos estar contribuindo para a melhoria do ensino de arte nas escolas, bem como para um aproveitamento mais adequado de um meio com infinitas possibilidades, a TV Escola, para essa melhoria.

Referências

- BARBOSA, A. M. **A Imagem no Ensino da Arte**. Porto Alegre: Fundação Iochpe, 1991.
- FELDMAN – BIANCO, B.; LEITE, M. L. M. (orgs). **Desafios da Imagem**. Campinas: Papyrus, 1998.
- FERRÉS, J. **Vídeo e Educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FRIGOTTO, G. **A Produtividade da Escola Improdutiva**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- FUSARI, M. F. R.; FERRAZ, M. H. C. de T. **Arte Na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

FUSARI, M. F. de R.; FERRAZ, M. H. C. de T. **Metodologia do Ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

GIACOMANTONIO, M. **O Ensino Através dos Audiovisuais**. São Paulo: EDUSP, 1981.

MACHADO, A. **A Arte do Vídeo**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

MARTINS, M. C. ; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. **Didática do Ensino de Arte – a linguagem do Mundo**. São Paulo: FTD, 1998.

PILLAR, A.; VIEIRA, D. **O Vídeo e a Metodologia Triangular no Ensino da Arte**. Porto Alegre: Fundação Iochpe, 1992.

RAMALHO E OLIVEIRA, S. R. **Leitura de Imagens para a Educação**. São Paulo, 1998. Tese de Doutorado. PUC, Programa de Estudos de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica.